



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Jacques Lacan, psicólogo barrado¹

Ian Parker

Orcid: [0000-0001-5950-464X](https://orcid.org/0000-0001-5950-464X)

Professor de Psicologia na Unidade de Discurso da Manchester Metropolitan University (Manchester, Inglaterra)
Editor Chefe da Annual Review of Critical Psychology da Manchester Metropolitan University (Manchester, Inglaterra)

Psicanalista, membro do Centro de Análise e Pesquisa Freudiana e da London Society da Nova Escola Lacaniana
E-mail: i.a.parker@mmu.ac.uk

Resumo: Esse artigo revisa uma série de contradições entre a disciplina da psicologia e a obra de Jacques Lacan. Psicologia descrita aqui como o domínio acadêmico e profissional da teoria e prática desenvolvida na cultura ocidental, especificamente anglo-estadunidense, de descrever e explicar os processos mentais e do comportamento. Lacan é caracterizado como uma referência para a elaboração de seu trabalho teórico e clínico, com o foco principal em seus próprios escritos. O argumento principal é que há uma incompatibilidade fundamental entre a obra de Lacan e as visões psicológicas do sujeito como indivíduo e, portanto, as tentativas de equivaler as duas tradições são mal concebidas. Isso significa que os psicólogos que buscam por respostas em Lacan devem questionar os pressupostos subjacentes sobre a teoria e a metodologia em sua disciplina se eles estão dispostos a levar a sua obra a sério. A incompatibilidade entre Lacan e a psicologia também tem importantes consequências para os psicólogos clínicos que possam querer adotar ideias da tradição lacaniana, visto que destaca os perigos que a psicologia reserva para a psicanálise caso as teorias e metodologias psicológicas sejam aceitas de bom grado. O mote de Lacan como “psicólogo barrado” é designado para enfatizar esses argumentos bem como a concepção distintiva do sujeito que implica sua obra.

Palavras-chave: Lacan; Psicanálise; Psicologia; Subjetividade.

Jacques Lacan, psychologue barré: Cet article examine une série de contradictions entre la discipline de la psychologie et l'œuvre de Jacques Lacan. La psychologie est décrite ici comme le domaine académique et professionnel de la théorie et de la pratique développées dans la culture occidentale, plus précisément anglo-américaine, pour décrire et expliquer les processus mentaux et comportementaux. Lacan est caractérisé comme une référence pour l'élaboration de son travail théorique et clinique, en se concentrant principalement sur ses propres écrits. L'argument principal est qu'il existe une incompatibilité fondamentale entre l'œuvre de Lacan et les conceptions psychologiques du sujet en tant qu'individu, et donc que les tentatives d'équivaloir les deux traditions sont mal conçues. Cela signifie que les psychologues qui cherchent des réponses chez Lacan doivent remettre en question les présupposés sous-jacents à la théorie et à la méthodologie de leur discipline s'ils sont disposés à prendre son travail au sérieux. L'incompatibilité entre Lacan et la psychologie a également d'importantes conséquences pour les psychologues cliniciens qui pourraient souhaiter adopter des idées de la tradition lacanienne, car elle met en évidence les dangers que la psychologie représente pour la psychanalyse si les théories et méthodologies psychologiques sont acceptées de bon gré. Le slogan de Lacan en tant que "psychologue exclu" est utilisé pour souligner ces arguments ainsi que la conception distinctive du sujet qui implique son œuvre.

Mots clés: Lacan; Psychanalyse; Psychologie; Subjectivité.

Jacques Lacan, barred psychologist: This paper reviews a series of contradictions between the discipline of psychology and the work of Jacques Lacan. Psychology here is the academic and professional domain of theory and practice developed in Western, specifically Anglo-US American, culture to describe and explain behavioural and mental processes. Lacan is characterized with reference to the elaboration of his theoretical and clinical work, with the focus primarily on his own writings. The main argument is that there is a fundamental incompatibility between Lacan's work and psychological views of the individual subject, and therefore attempts to assimilate the two traditions are misconceived. This means that psychologists looking to Lacan for answers must question underlying assumptions about theory and methodology in their discipline if they are to take his work seriously. The incompatibility between Lacan and psychology also has important consequences for clinical psychologists who may wish to adopt ideas from the Lacanian tradition, for it highlights the dangers that psychology holds for psychoanalysis if psychological theories and methodologies are taken on good coin. The

motif of Lacan as 'barred psychologist' is designed to emphasize these arguments as well as the distinctive account of the human subject that his work entails.

Keywords: Lacan; Psychoanalysis; Psychology; Subjectivity.

Jacques Lacan, psicólogo barrado

Ian Parker

Existe uma série de tentativas recentes de reparar os elos históricos perdidos entre a psicologia e a psicanálise, e a obra de Jacques Lacan (1901-1981) é cada vez mais invocada como uma tradição analítica alternativa que pode ser atrativa para os psicólogos. Em alguns casos há um esforço da psicologia de empreender uma busca na obra de Lacan como um recurso (Frosh, 1997, por exemplo), e existem também algumas tentativas de superar as diferenças realizadas por aqueles mais diretamente envolvidos na prática lacaniana (por exemplo, Malone & Friedlander, 2000). Entretanto, a forma de recorrer a Lacan funciona nesta comunicação renovada entre psicanálise e psicologia é, em grande parte, através de uma falha de comunicação. Corre o risco de cair num falso reconhecimento imaginário do que Lacan realmente tem a dizer para os psicólogos a respeito dos pressupostos que eles tecem sobre o sujeito e seu modo de agir.

Lacan se formou primeiro como um psiquiatra (e praticou como tal pelo resto de sua vida), e depois como psicanalista em Paris na década de 1930. Discordâncias sobre problemas teóricos (particularmente o desenvolvimento da "psicologia do ego" estadunidense) e questões práticas (particularmente sobre as sessões analíticas curtas e de duração variável) levaram à sua eventual exclusão da International Psychoanalytical Association (IPA), uma "excomunhão" efetuada pela exigência de que ele não deveria treinar analistas. Desde a sua morte em 1981, a orientação lacaniana cresceu a ponto de fundamentar a prática de cerca de metade dos psicanalistas do mundo, com a maior concentração sendo nos países de língua latina. Essa inclinação da distribuição geográfica dos psicanalistas facilita as tentativas da estadunidense IPA de, frequentemente, ainda negar a contribuição de Lacan.

Esse artigo aborda o problema de uma certa posição, com uma certa direção em mente. A questão de onde eu falo e com quem eu estou falando é particularmente importante nesse contexto, considerando que a psicologia opera com um modelo de ciência que muitas vezes exclui uma atenção para a subjetividade daqueles envolvidos nela como pesquisadores, enquanto para Lacan (1986/1992), "psicologia [...] é apenas uma máscara, e algumas vezes um álibi, da tentativa de focar no problema da nossa própria ação" (p. 19). Minha formação é a de um psicólogo acadêmico trabalhando com perspectivas "críticas" dentro da disciplina e com a psicanálise fora dela. Esse artigo é dirigido principalmente para psicólogos que possam estar curiosos sobre Lacan, mas sabem muito pouco sobre sua obra, e isso significa que o argumento já corre o risco de adotar uma linguagem que reconfigura a subjetividade como algo "psicológico". O esforço para tornar os conceitos lacanianos inteligíveis para um público de psicólogos pode, assim, realizar o próprio problema que o artigo se propõe a apresentar: o de que Lacan pode ser pensado como compatível com a psicologia.

O propósito desse artigo é revisitar como Lacan aborda os domínios da experiência humana tradicionalmente estudados pela psicologia. O argumento é de que ele é relevante não como uma nova versão da psicologia que pode aprimorar a disciplina, como alguns autores mais entusiastas teriam

dito, mas como uma alternativa para a psicologia; no que se refere a Lacan (1975/1988), “a psicologia é em si mesma um erro de perspectiva sobre o ser humano” (p. 278). A psicanálise lacaniana fornece uma série de marcos teóricos, não um único sistema fechado, que nos ajuda a pensar de uma forma completamente diferente sobre o que é geralmente tomado como fenômenos “psicológicos”.

Isso é importante por duas razões. Primeira, cada tentativa de tornar a obra de Lacan compatível com a psicologia acadêmica tradicional necessariamente envolve um tipo particular de distorção do seu trabalho. Ainda que uma breve releitura da obra de Lacan centrada num único problema, como este, possa tornar sua escrita frequentemente enigmática e seus seminários públicos transcritos mais acessíveis, essa acessibilidade produz uma perda de significado ao mesmo tempo em que parece facilitar o entendimento. A impressão imediata de que alguém “compreende” um argumento, um texto ou outra pessoa recai, em termos lacanianos, em um registro imaginário governado pelos processos de espelhamento no qual reconhecemos, ou mais precisamente, “desreconhecemos”² aquilo que já esperávamos ver ali, aquilo que deve mais ao que nós mesmo somos do que é outro para nós (Lacan, 1949/1977a). Segunda razão, o ensino e a escrita de Lacan estavam associados a uma prática de análise preocupada em questionar as reivindicações de verdade dos especialistas psicológicos e as tentativas, evidentes no esforço de tendências dominantes na psicanálise estadunidense, de ajustar os indivíduos à sociedade. O argumento de Lacan (1956/1977b), de que “a concepção da psicanálise nos Estados Unidos inclinou-se para o ajustamento do indivíduo ao ambiente social, para a busca dos padrões de comportamento e para toda a objetificação implicada na noção de ‘engenharia humana’” (p. 38), parece ser relevante pelo menos tanto para a psicologia ocidental quanto para a “psicanalítica” psicologia do ego ostensivamente (Ingleby, 1985).

Tanto “compreensão” quanto “ajustamento”, portanto, são anátemas para Lacan e cada um precisa ser questionado e repensado. Lacan não era, nem deve ser pensado como, um psicólogo. No final do artigo, vou defender o argumento de que ele seria mais bem caracterizado como um “psicólogo barrado” e que o que ele oferece para a psicologia, na verdade, é algo que nos ajuda a desvendar e refletir sobre as premissas que os psicólogos fazem sobre quem eles são e o que fazem. O que os psicólogos fazem é estruturado por um sistema de teorias e práticas e que a coerência existente para a psicologia é dada por este sistema como um aparelho disciplinar (Rose, 1985). Para os muitos que estão prestes a serem recrutados por ela, este aparato disciplinar se manifesta primeiramente como uma “grade curricular”. Desta forma, este artigo aborda as diferentes áreas da psicologia que compõem o núcleo da grade curricular para graduandos no mundo anglófono e depois se volta para concepções mais gerais do indivíduo antes de rever as implicações dos diferentes tipos de envolvimento dos psicólogos com a obra de Lacan.

Psicologia Cognitiva Individualista

A psicologia anglo-estadunidense dominante (cuja agenda é, em grande parte, definida por textos e periódicos estadunidenses que têm uma profunda influência na formulação da disciplina em

todo o mundo anglófono) é agora fundamentada por um modelo do indivíduo como um “processador de informação” (Lindsay & Norman, 1972). Uma reação contra o behaviorismo pavloviano e watsoniano nos anos 1950, que tendia a negar a relevância dos estados mentais internos, levou ao desenvolvimento da “ciência cognitiva” e à investigação da resolução de problemas e da memória governada por metáforas computacionais, pelo menos implícitas e muitas vezes explícitas (Winograd & Flores, 1987). Essa mudança de foco, destinada a capturar processos que acontecem dentro da cabeça, tem definido cada vez mais o que a psicologia deve ser. Mesmo abordagens alternativas, como o behaviorismo radical de Skinner e descrições da cognição como modularizada e distribuída, têm operado em referência ao modelo de processamento de informação (Fodor, 1983).

Psicanalistas reconheceriam esse modelo como uma versão da “psicologia do ego” (Hartmann, 1939/1958), uma vez que existem fortes premissas sobre a existência independente de processos centrais que são estudados como se operassem de uma forma integrada, mesmo quando noções de erro de habilidade, funcionamento defeituoso e heurística incompleta sempre acompanham o modelo. Estudos psicológicos sobre inteligência, personalidade e habilidades sociais tomam esse modelo como dado e normalmente emitem recomendações para tratamentos cognitivo-comportamentais para funcionamento inadequado (como em Trower, Bryant & Argyle, 1978). Aqui a psicologia adota uma visão dualista cartesiana de uma divisão necessária entre o pensamento e o corpo, na qual a razão é vista como operando a partir de um único ponto de ataque certo, como uma condição para sua própria preeminência, pela dúvida. A obra de Lacan questiona esse modelo cognitivista uma série de vezes, das quais podemos citar quatro aqui brevemente.

Pensamento na linguagem

Em primeiro lugar, pensamento é entendido por Lacan como algo operando na linguagem, sendo, portanto, uma atividade que é pública e social em vez de privada e individual. Para Lacan (1981/1993), “pensamento significa a coisa articulada na linguagem” (p. 112). Isso significa que seria equivocado investigar o ‘pensamento’ como algo acontecendo dentro da cabeça como se estivesse, então, necessariamente fora da linguagem e um entendimento lacaniano do pensamento na linguagem também envolve uma rejeição das noções de “comunicação” como transmissão de pensamentos de uma cabeça para outra através de um meio transparente, com a linguagem presumida como tal meio (Shannon & Weaver, 1949). A estrutura formal da linguagem em si também constitui o conteúdo da comunicação, através de relações internas que operam independentemente do sujeito. Seria possível, por meio desse foco em processos sociais compartilhados, conectar Lacan aqui com construções teóricas no delineamento da “cognição prática” da teoria da atividade russa e da etnometodologia estadunidense (por exemplo, Lave, 1988). Dessa forma, pode parecer que é possível criar uma ponte até Lacan.

No entanto, o que está faltando nessas construções é alguma consideração do inconsciente, o que para a obra de Lacan como uma forma de psicanálise, é claro, é crucial. Para Lacan, no entanto,

o inconsciente não é equivalente ao pensamento “não consciente” que é impedido por vários “mecanismos de defesa” concebidos cognitivamente de emergirem a um estado de vigília e atenção plena. O inconsciente é produzido quando a criança entra na linguagem como o domínio estruturado do sentido que se encontra para além do nosso alcance como indivíduos. Essa linguagem, que nos aliena ao mesmo tempo em que cria um canal de comunicação com os outros, comporta significantes estruturados no discurso, no domínio simbólico. É isso o que Lacan se refere como a “ordem simbólica” e, portanto, a ordem simbólica determina o sentido que é dado às nossas palavras e a sensação da falta que surge a partir do nosso fracasso em dominá-la. A ordem simbólica é sempre “outra” para nós e por isso a concepção lacaniana do inconsciente é a de um “discurso do Outro”; é um retransmissor do desejo e lugar de “realizações” (para usar um termo etnometodológico) individuais bem como uma atividade comunicacional. Uma guinada para a “cognição prática” (Lave, 1988) não é suficiente para dar conta do papel da ordem simbólica e de seus efeitos no sujeito como domínio do inconsciente. Nesse aspecto, o sentido de Lacan para “cognição” em relação a linguagem está completamente em desacordo com qualquer coisa reconhecidamente psicológica.

Significado e memória

Em segundo lugar, há uma mudança das questões do mecanismo para as questões do significado. Aqui, Lacan por vezes emprega uma descrição fenomenológica das formas em que as coisas no mundo ganham algum significado para o sujeito. Esse é o ponto nos seus primeiros escritos em que ele elabora uma visão do ser humano e sua relação com o “Ser” que é muito próxima a de Heidegger (1928/1962), e que, portanto, torna plausível uma comparação com a hermenêutica em psicologia (Packer, 1985). No entanto, essa visão heideggeriana do “Ser-no-mundo” é enriquecida por Lacan, transformada teoricamente, e assim inelutavelmente superada. Como Lacan (1981/1993) afirma, “a rememoração ocorre necessariamente na ordem simbólica” (p. 104). A ordem simbólica proporciona um espaço ou, em termos heideggerianos, uma “clareira”, mas a organização dos significantes está fora do alcance do sujeito e esses significantes no discurso do Outro - como inconsciente - determinam como o sujeito virá a ser e a sensação que eles têm de que lhes falta sempre algo. Para Lacan (1981/1993), “uma reminiscência - ou seja, o ressurgimento de uma impressão - se organiza na continuidade histórica” (p. 111).

Uma implicação disso pode ser vista na forma radicalmente diferente pela qual Lacan toma o *déjà vu*. Explicações cognitivas apelam para explicações fisiológicas de atrasos nos caminhos neuronais, por exemplo, para explicar por que as pessoas por vezes têm a experiência de ver coisas já vistas, mas para Lacan (1981/1993):

Déjà vu ocorre quando uma situação é vivenciada com uma plena significação simbólica, que reproduz uma situação simbólica homóloga já vivenciada, mas esquecida, e que é revivida sem que o sujeito a compreenda em todos os seus detalhes. Isso dá ao sujeito a impressão de que

ele já viu o contexto, a cena, do presente momento (p. 112).

Embora uma tendência fenomenológica pareça ser frequentemente evocada na obra de Lacan, logo a organização simbólica da memória faz daquela experiência de "significado" algo bem diferente, algo que deve obedecer à lógica do significante. Tratar "significado" como autossuficiente e independente do simbólico seria torná-lo, em termos lacanianos, como uma ordem imaginária da experiência. Esse domínio imaginário que nos fornece o significado de "entendimento" e "comunicação" é muito importante, mas a descrição de Lacan do inconsciente como discurso do Outro no reino da ordem simbólica revela este domínio imaginário como ilusório e, portanto, como um terreno bastante equivocado sobre o qual construir qualquer narrativa científica sobre o que é o sujeito humano e como ele veio a ser. O fenômeno da "memória", portanto, é mais um desses fenômenos "cognitivos" que estão fora do sujeito e, por isso, não é passível de investigação "psicológica".

Cogito e corpo

Em terceiro lugar, Lacan desloca o cogito cartesiano de tal forma que o pensamento e o ser são vistos como operando um em relação ao outro, mas não a partir do mesmo ponto. Ele desafia explicitamente o pressuposto da psicologia cognitiva de que uma compreensão da natureza do pensamento humano é também uma visão do que é o ser humano. Uma de suas formulações da relação entre o pensamento e o ser é, então: "Eu penso onde não sou. Eu sou onde não penso." (Lacan, 1957/1977d, p. 166). O sujeito humano é visto como cindido, como "barrado" de qualquer plenitude de presença ou de identidade própria, e esse sujeito barrado é apresentado por Lacan por meio da figura "\$", o "sujeito barrado". Essa natureza dividida da subjetividade levanta dois problemas para a psicologia cognitiva que têm a ver com a atividade mental que está fora da consciência e com o corpo.

Lacan reinterpreta o "Ser" como descrito por Heidegger (1928/1962) como o inconsciente no campo do Outro, e a partir dessa reinterpretação ele desenvolve uma elaboração do "pensar" como não separável do corpo, mas como sempre procedendo através da atividade simbólica. O uso das reflexões heideggerianas sobre o ser humano em relação ao "Ser", particularmente evidentes no trabalho inicial de Lacan, dão origem a uma elaboração da subjetividade como descentrada do lugar onde normalmente se supõe que o pensamento opera em noções cognitivistas, mas também como uma noção do pensamento como corporificado (Richardson, 1980). Seria então possível conectar tal concepção corporificada do pensamento com as críticas da psicologia cognitiva que emergem na filosofia que tomaram como alvo principal de seu trabalho a "inteligência artificial" (IA). Heidegger (1928/1962) tem sido uma influência importante em tal produção, por exemplo, na afirmação de que os computadores precisariam de corpos para poderem ser corretamente conferidos com "inteligência" (Dreyfus, 1967). O que diferencia Lacan dessas críticas, no entanto, é a sua reinterpretação da relação entre o corpo e o "Ser". E passar da IA convencional para a "corporificada" não resolverá o problema,

porque para Lacan o corpo também é radicalmente “descentrado” do sujeito.

Ao invés do corpo ser o receptáculo do “Ser” onde o pensamento realmente ocorre, no entanto, ele é visto como a base “real” pela qual a atividade simbólica deve ocorrer (Soler, 1995). Para Lacan, portanto, há sempre uma interimplicação complexa das três ordens do “simbólico”, do “imaginário” e do “real”. É a característica corporificada do pensamento através do corpo como mediador no campo do Outro como inconsciente que torna possível que o ser humano tenha “sintomas”. A conversão histórica, por exemplo, ocorre quando partes do corpo são transformadas em significantes - os sintomas clássicos nas histórias de casos psicanalíticos - e o sujeito humano fala através deles porque ele ou ela não conseguem falar de outra forma. O lugar da atividade “cognitiva” tal como é entendido pela psicologia cognitiva é, dessa forma, deslocado do ponto em que os psicólogos esperam ou seriam capazes de descrevê-la dentro de seus quadros teóricos.

Cognição e sintoma

Em quarto lugar, o ego para Lacan não é tomado como provedor de um ponto privilegiado a partir do qual o sujeito examina seu corpo e sua alma, e não há “esfera livre de conflitos” do ego como descrito, por exemplo, pelos psicólogos do ego que poderiam tomar como uma vantagem tal ponto privilegiado. Aqui a psicologia do ego converge com as descrições da sensação e percepção consideradas por fornecer os princípios fundamentais para a psicologia cognitiva, mas Lacan se opõe diametralmente a tais pressupostos. Ao invés de tomada como certa, a imagem do ego como um ponto objetivo de acesso à consciência e aos relacionamentos é algo duvidoso de ser inspecionado, sujeito a uma análise cuidadosa. Para Lacan (1975/1988):

[...] todo o progresso dessa psicologia do ego pode ser resumido da seguinte forma - o ego é estruturado exatamente como um sintoma. No cerne da questão, não é senão um sintoma privilegiado, o sintoma humano por excelência, a doença mental do homem. (p. 16)

Afirmar que o ego é um “sintoma” é um convite para explicação e interpretação de como ele veio a se cristalizar na economia psíquica do sujeito.

Os modelos psicológicos da “cognição” são baseados em imagens culturalmente específicas de conexões de cabos de comunicação telefônica, sistemas de arquivamento de escritório e, agora cada vez mais, armazenamento de discos computadorizados e em uma ressonância experiencial entre essas atividades e o senso de self e pensamento elaborados para os sujeitos na cultura ocidental. Esses modelos são eles mesmos expressão de algo psicopatológico na vida cotidiana. Eles comunicam, embora de formas distorcidas, algo da peculiaridade da subjetividade contemporânea, em vez de serem uma interpretação precisa do que está dentro da cabeça, sob a superfície do comportamento observável (Parker, 1997a). É nesse sentido que eles podem ser ditos como sendo “sintomáticos” e, portanto, o que a psicologia cognitiva vê como seu ponto de partida, Lacan vê como parte do problema.

Embora fosse conveniente supor que sua oposição radical às elaborações cognitivistas dos fenômenos mentais levasse Lacan a uma simples aproximação com o behaviorismo radical, a construção social da subjetividade na linguagem que suas posições teóricas implicam são dialeticamente, se não diametralmente, opostas ao behaviorismo (Parker, 1995). Lacan não substitui apenas uma atenção às forças externas por mecanismos internos, como pode ser visto se nos voltarmos para as abordagens em psicologia que se preocuparam com o mundo externo e a importância dos relacionamentos sociais na experiência humana.

Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Social

Os contrastes entre as noções psicológicas dos processos cognitivos e as redescrições lacanianas dos mesmos parecem, à primeira vista, simplesmente nos levar a desviar "Lacan como um psicólogo" do domínio do núcleo da psicologia individual para o domínio da psicologia do desenvolvimento e da psicologia social. As elaborações lacanianas da "cognição" parecem exigir uma sensibilidade desenvolvimentista e social que a psicologia individual dominante carece, mas Lacan não forneceu uma teoria "psicológica desenvolvimentista" nem uma "psicológica social".

Psicologia do Desenvolvimento

Às vezes as elaborações de Lacan (1949/1977a) sobre o "estádio do espelho" (ou estágio do espelho) - no qual a criança, por volta dos 18 meses de idade, toma a imagem do outro, talvez num espelho real, como o modelo "imaginário" para o seu próprio eu - são colocadas ao lado de outras elaborações sobre o desenvolvimento como se funcionassem como um incremento, como se contasse a história "real" sobre como a criança vem a imaginar seu corpo e se prepara para a entrada na linguagem (como, por exemplo, Frosh, 1989). Entretanto, embora os elementos discretos da descrição de Lacan possam ser separados e associados com estudos empíricos na psicologia (como em Muller, 1996), as coisas são muito diferentes quando esse "estágio", que não é realmente um estágio, é visto no contexto das elaborações lacanianas sobre a história do indivíduo como sujeito.

A psicologia do desenvolvimento se baseia na premissa que a passagem da infância para a idade adulta é governada por uma sequência maturacional que pode ser descoberta empiricamente e então delimitada teoricamente (Burman, 1994). A visão dominante dessa sequência é expressa na esperança de que "idades e estágios" normativos do desenvolvimento possam ser identificados de modo que atrasos do desenvolvimento devido a falhas na maquinaria biológica ou na conduta parental inadequada possam ser compreendidas e talvez retificadas (como, por exemplo, Mitchell, 1992). As descrições piagetianas do desenvolvimento das estruturas cognitivas, que são ampliadas pelos esquemas de desenvolvimento moral na obra de Kohlberg, são mais sofisticadas, argumentando, por exemplo, que a sequência fundamenta-se mais no surgimento lógico das estruturas para as quais estruturas "anteriores" são pré-requisitos do que o simples desdobramento de estágios específicos de idade, e essas descrições têm suscitado comparações com a obra de Lacan (Silverman, 1980).

As elaborações vigotskianas acerca do desenvolvimento do pensamento através da linguagem parecem romper ainda mais radicalmente com a psicologia do desenvolvimento estadunidense e, em virtude disso, talvez, pareçam se aproximar das concepções lacanianas (Walkerdine, 1982). No entanto, ainda que as elaborações lacanianas apelem para uma concepção lógica, a lógica não é sequencial. Não é sequer “desenvolvimentista” no sentido que os psicólogos compreenderiam o termo, pois qualquer memória da emergência do sujeito na linguagem que possa ser pensada como pré-requisito lógico é em si mesma constituída após o evento, como um suplemento à experiência que então tem o efeito de mudá-la. Aqui Lacan recupera a noção de Freud sobre a memória do trauma como operando *Nachträglich* (como “retroativa”), e ele o faz para reespecificar a natureza do desenvolvimento como acontecendo a cada giro a frente do que um psicólogo do desenvolvimento poderia observá-la. A formação analítica lacaniana não inclui a observação de crianças pequenas em parte por esse motivo, visto que a relação entre a mãe e o bebê e o impacto dos eventos na infância da criança não são coisas que se poderia ver em seu estado natural ausente de mediações (Miller, Rustin & Shuttleworth, 1989).

Lacan (1981/1993) se voltou contra as versões fundamentadas psicologicamente na psicanálise, assim como contra a psicologia em si em seu comentário, por exemplo, de que “o grande segredo da psicanálise é que não há psicogênese” (p. 7). A relação temporal entre o passado e o presente é algo que é construído e reconstruído pelo sujeito de forma a derrotar qualquer concepção desenvolvimentista que tente definir como eventos particulares no passado terão sequelas psicológicas:

O que se realiza na minha história não é o pretérito perfeito do que foi, visto que já não é mais, nem mesmo o pretérito perfeito composto do indicativo do que tem sido no que eu sou, mas o futuro anterior do que eu teria sido para aquilo em que estou me tornando. (Lacan, 1956/1977b, p. 86)

A forma como os sujeitos refletem sobre seu “passado” (como se fosse o “pretérito perfeito”, definitivo), então, nesse momento, irá transformá-lo em algo que antecipa o presente (em “o que deve ter sido”), e é a relação que os sujeitos têm com seu passado e quaisquer eventos traumáticos que possam ter realmente acontecido que irão bloquear ou facilitar o que eles possam experimentar como o seu “desenvolvimento” (o seu “processo de tornar-se”).

Embora a psicologia do desenvolvimento contemporânea tente abordar o desenvolvimento da criança em relação com os outros, ela ainda o faz através da tentativa de capturar a natureza das interações particulares, geralmente entre a criança e a mãe (por exemplo, Muller, 1996). O entendimento de Lacan para alteridade, em contraste, fundamenta o “desenvolvimento” em relação com a mãe não como tal, mas como o Outro. A relação entre a criança e a mãe é, de acordo com Lacan, governada pela especularização “imaginária”, mas essa relação é, por sua vez, governada por

processos simbólicos que estão fora do controle da criança ou da mãe. Esses processos simbólicos situam-se no domínio dos significantes que dão sentido ao relacionamento, e essa ordem simbólica opera como "Outro". Lacan (1975/1997) procurou formalizar as descrições teóricas dos fenômenos clínicos para que eles pudessem ser "transmissíveis" como "matemas". Nesse caso, a subjetividade individual é constituída em relação com o Outro, representado pelo matema "A" (de *Autre*, francês para "Outro"), e os processos de alienação e separação dão origem à fantasia do Outro como sempre incompleto (Lacan, 1973/1979). O matema do sujeito barrado (), então, está sempre em relação ao Outro, mas a criança não pode estabelecer uma relação direta não mediada com esse Outro, e assim a almejada completude do ser que o Outro representa é experienciada como faltante. Tal como o sujeito é impedido de se auto-presenciar como completo, cindido contra si próprio, da mesma forma também o Outro é barrado (). O Outro funciona, então, como um outro que sempre falha, sempre falta em relação ao que se espera dele. O sujeito está sempre em relação aos outros então, e isso faz com que as explicações "desenvolvimentistas" da "psicologia" emergente do indivíduo sejam muito difíceis. Para os lacanianos, talvez, isso torne tais explicações impossíveis.

Psicologia Social

Pode-se então inferir dessa visão que a psicologia do desenvolvimento deveria tornar-se mais "social", e que a psicologia social seria o lugar na disciplina em que Lacan poderia encontrar seu lar natural. Mas não é bem assim. A psicologia social supõe uma separação entre o indivíduo e o social, e quando ela prioriza os processos sociais ou os "processos de grupo" sobre as atividades do indivíduo, ela ainda mantém a relação entre os dois lados não examinada (Henriques, Hollway, Urwin, Venn & Walkerdine, 1984; Parker, 1989). A dicotômica relação entre o indivíduo e o social é então mapeada na oposição entre o "interior" do sujeito e o "exterior". A tentativa de fornecer explicações completamente sociais do comportamento humano na psicologia social tem sido atormentada pela redução da explicação ao nível do indivíduo, e a dicotomia indivíduo-social tem ainda estruturado as várias tentativas de descrever o conflito e a agressão na disciplina baseada em conceitos psicanalíticos (Billig, 1976).

Quando a psicanálise é introduzida na equação, e a equação em si é mantida intacta, isto leva a uma concepção de um "interior" e um "exterior" em que o inconsciente é tratado como o domínio fora da linguagem, e como algo que opera ao nível do indivíduo, dentro da mente. Contra esta concepção, na obra de Lacan a complexa relação entre consciente e inconsciente e entre interior e exterior perturba essa equação; uma forma que Lacan (1973/1979) evoca essa relação é através da figura da "banda de Moebius", na qual o exterior da banda se dobra e se transforma no interior, em vez de existir uma ruptura distinta definível entre os dois domínios. Lacan usa o mote da banda de Moebius não apenas porque apresenta uma relação entre o interior (geralmente considerado como sendo do domínio do inconsciente) e o exterior, mas também porque chama a atenção para uma relação temporal entre os dois que é tão importante quanto, senão mais do que, a relação espacial.

Para Lacan, portanto, o inconsciente é pelo menos tão "exterior" quanto "interior"; e "é o fechamento do inconsciente que fornece a chave de seu espaço — nomeadamente a impropriedade de torná-lo um interior" (Lacan, 1966/1995, p. 267). Porque a psicologia social se fundamenta a partir de uma imagem de indivíduos existindo no espaço social e interagindo com outras pessoas nesse espaço, ela não pode assimilar uma visão lacaniana de cada indivíduo como sujeito já sempre social. A "psicologia" lacaniana, portanto, não é "psicologia social".

Alternativas metodológicas em Psicologia

Lacan pode não se harmonizar muito facilmente com as abordagens dominantes da disciplina, mas tem havido uma série de inovações que se pode esperar que funcionem como uma interface conveniente. Tradições alternativas de trabalho dentro da psicologia nos últimos anos seguiram a tendência de se desenvolver mais no terreno da metodologia do que através do desenvolvimento de modelos teóricos substanciais. Seria possível argumentar que isso não é surpreendente, visto que a disciplina da psicologia foi na realidade historicamente definida mais pelo método do que pela teoria, e a sua função primária como parte do "complexo psicológico" foi e é como um aparato regulador para observar, categorizar e adaptar indivíduos ao social (Rose, 1985). O "novo paradigma" humanista e a abordagem "construcionista social", por exemplo, mesmo quando avançaram com novos modelos, enfatizaram como a pesquisa deve ser levada a cabo e elaboraram relatos de indivíduos moralmente responsáveis a partir daquela base (por exemplo, Harré & Secord, 1972; Reason & Rowan, 1981) ou foram cautelosos em definir de uma vez por todas como todos os seres humanos são (por exemplo, Burr, 1995; Gergen, 1985). Mas Lacan não é nem um psicólogo humanista, nem um construcionista social.

Humanismo

Lacan foi profundamente influenciado pela fenomenologia, mas ele não era um fenomenólogo, muito menos um humanista e menos ainda um psicólogo humanista. Uma visão lacaniana da subjetividade é muito diferente da visão dos humanistas, para os quais há uma suposição de que a comunicação pode ser completamente franca e, assim, as motivações individuais podem ser tornadas transparentes para o sujeito e os outros (Parker, 1999). Em vez disso, o papel da subjetividade na disciplina é posto em evidência pelo argumento de que "em psicologia, a objetivação está sujeita, em seu princípio, a uma lei de méconnaissance [des-conhecimento] que governa o sujeito não só como observado, mas também como observador" (Lacan, 1956/1977c, p. 130). Lacan não apela para uma relação mais genuína entre observadores e observados na investigação psicológica aqui, e sua atenção à subjetividade é movida por uma preocupação com uma "ética" que é bem diferente das noções de transparência e entendimento holístico que movem as pesquisas qualitativas contemporâneas (Lacan, 1986/1992). A transparência da comunicação é um ideal que talvez valha a pena, mas para Lacan isto pertence ao domínio do "imaginário" e precisamos de uma abordagem mais radical para compreender

como o nosso entendimento é sempre estruturado pela ordem simbólica. E embora possamos querer estabelecer uma relação direta e não mediada entre nós mesmos e aqueles a quem observamos, o argumento de Lacan de que nós somos sujeitos barrados (\$), divididos pela virtude de sermos seres que usam a linguagem e incapazes de um entendimento não mediado de nós mesmos, colocaria em questão essa imagem idealizada da relação pesquisador-pesquisado.

O problema da investigação psicológica, para Lacan, não reside na desumanização dos sujeitos per se, mas em procedimentos positivistas que nos induzem ao erro sobre a natureza e o lugar do fenômeno que os psicólogos desejam compreender. Podemos tomar como exemplo a atividade dos detetives no comentário de Lacan sobre o conto *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe (1844/1938; Plon, 1974). Os detetives procuram uma carta roubada no apartamento de um ministro do governo que sabem que a está escondendo e procuram com tamanha minúcia, com um foco tão obsessivo no objeto escondido, que não conseguem enxergar que ela está bem na frente de seus olhos. Lacan (1956/1972) aponta que "os detetives têm uma noção tão imutável do real que falham em notar que a sua busca tende a transformá-los em seu objeto" (pp. 54-55). Mais uma vez, ele chama a atenção para o papel da ordem simbólica na estruturação da forma como entendemos o mundo e como nós nos entendemos a nós mesmos, e tal atenção não pode ser obtida através de um simples recurso à psicologia humanista.

Construcionismo social³

Lacan não era contra a ciência, a razão ou a verdade. Por essa razão, seria um erro vê-lo como um "pós-estruturalista", que é uma categoria anglo-estadunidense que reúne escritores díspares sob uma rubrica sem muito sentido na França quando Lacan escrevia. Ele também não poderia ser visto como um aderente do "pós-modernismo", que apela a uma suposta mutação histórica na cultura contemporânea para justificar uma fuga de qualquer grande narrativa de entendimento pessoal, social ou científico (Gergen, 1991). Lacan (1981/1993) constata que "é o ponto de partida da ciência moderna não acreditar nos fenômenos e olhar para algo mais subsistente atrás deles que os explique", e sendo assim, "a nossa forma de proceder é científica" (p. 143).

Em alguns aspectos, as objeções lacanianas à noção de cognição fechada e separada parecem próximas das recentes descrições de "memória coletiva" na ampla tradição do construcionismo social (Gergen, 1985). O argumento de Lacan de que a memória está ligada com o lugar do sujeito na linguagem antecipa alguns dos trabalhos sobre memória coletiva fundamentado pela teoria da atividade, etnometodologia e "psicologia discursiva" (Middleton & Edwards, 1990). O argumento de que os processos mentais têm lugar na e através da linguagem não é, em si mesmo, tão estranho para alguns "analistas do discurso" contemporâneos (por exemplo, Parker, 1992; 2002) e os principais psicólogos poderiam afirmar que Lacan pertence simplesmente à análise do discurso como parte dessa alternativa metodológica particular na disciplina (Parker, 1997b).

No entanto, a conexão aparente entre as tendências dominantes na psicologia discursiva

recente, como a análise da conversação, que traça a atividade momento a momento na tomada de decisão e na construção do sentido entre os participantes na interação do cotidiano, e as visões lacanianas do discurso envolveria um erro de compreensão de como Lacan vê o funcionamento da linguagem. Para Lacan (1966/1995), é necessário atender “o efeito retroativo do sentido nas frases, sentido que requer o último termo de uma frase para ser selado” (p. 267). Isto significa que a análise detalhada das transcrições que atendem à tomada de decisões ou às funções de várias formas retóricas (como em Potter, 1996) assumirá uma posição metodológica que adota noções do senso comum de causa e efeito reconfiguradas através de “aposta” e “função”. A esquiva à teoria nas versões da analítica da conversação da psicologia discursiva também contraria a promessa frequentemente feita pelos seus participantes de dar uma visão crítica do discurso e do lugar da psicologia dentro dele (Parker, 2001). Além do mais, no momento exato em que os analistas da conversação obedecem às exigências empíricas feitas pelos psicólogos de adequarem suas versões aos aspectos do que a investigação científica deve se parecer, eles falham em abordar o caráter do sujeito em relação ao significante teoricamente especificado por Lacan.

Psicologia e Anti-psicologia

Os conceitos lacanianos são difíceis de captar e definir não só porque o próprio Lacan é notoriamente difícil de ler, mas também porque os conceitos são sempre relacionais. O sentido em que é verdadeiro dizer que Lacan é “estruturalista” reside na forma com que os elementos de suas intervenções teóricas e as próprias categorias clínicas só podem ser compreendidas nos termos das suas relações mutáveis com os outros elementos. No que diz respeito aos conceitos psicológicos, Lacan des-substancializa incessantemente os fenômenos que são normalmente reificados pela disciplina, que são normalmente tomados como se fossem coisas observáveis e verificáveis empiricamente. Isto pode ser ilustrado pela noção de *objet petit a* e pela diferença entre o seu estatuto de “objeto” do desejo e a forma como um “objeto” é geralmente concebido na teoria psicanalítica das relações de objeto (por exemplo, Greenberg & Mitchell, 1983). A teoria das relações de objeto parte do princípio de que os objetos e os “objetos parciais” do mundo fenomênico da criança ou são representações de coisas reais (objetos e sujeitos) no mundo exterior ou são representações de instintos. A noção de Lacan de objeto como o *objet petit a*, no entanto, é um conceito radicalmente diferente. No lugar de algo que pode ser simplesmente equiparado à mãe, pai, pênis ou fezes, o seu estatuto na obra de Lacan é simultaneamente como “objeto perdido” e objeto causa de desejo. Enquanto a teoria das relações de objeto busca nos estudos empíricos e na psicologia do desenvolvimento uma confirmação das suas já psicologizadas descrições do funcionamento mental interno (por exemplo, Stern, 1985; Cushman, 1991), a des-substancialização implacável de Lacan no uso contrastante sobreposto do *objet petit a* resiste a qualquer apelo à psicologia.

Para Lacan (1973/1979), o *objet petit a* é constituído para o sujeito como objeto causa de desejo como algo (fantasiado como alguma coisa) que se torna operativo no preciso momento em que

se perde: “a tampona a hiância constituída pela divisão inaugural do sujeito” (p. 270). O “a” nos fascina porque contém a promessa desse objeto ideal que passamos a acreditar que um dia possuímos e que para sempre nos escapa ao alcance. É constituído pelo sujeito como a coisa que brilha para ele ou ela apenas de uma posição específica e Lacan (1973/1979) elabora essa ideia usando a metáfora da “anamorfose” na pintura, na qual uma mancha ou uma figura sem sentido só se torna decifrável de um certo ponto de vista (como na imagem do crânio na pintura *Os Embaixadores*, de Holbein). Não só o *objet petit a* é precisamente não passível de ser tomado como uma coisa (sendo assim, como um fetiche, perderia o seu caráter de *objet petit a*), como também se torna um elemento apenas na estrutura fantasiosa de um sujeito em particular.

Tem sido apontado que:

[...] poucos dos conceitos de Lacan têm tantos avatares nas suas obras: o outro, o agalma, o número de ouro, a coisa freudiana, o real, a anomalia, a causa do desejo, o mais-de-gozar, a materialidade da linguagem, o desejo do analista, a consistência lógica, o desejo do Outro, o semblante, o objeto perdido e assim por diante. (Fink, 1995, p. 83)

A própria interdeterminação do *objet petit a* é um dos seus pontos fortes teóricos e essa indeterminação confere a ele uma função dentro da obra de Lacan que, para os seus leitores, é, inquietantemente, como um *objet petit a* em si. Os conceitos teóricos que funcionam desta forma são anátemas à disciplina da psicologia, e é importante que os psicólogos que possam ser atraídos pela obra de Lacan reconheçam isso.

Psicologia Barrada

Perguntando como os psicólogos podem ser capazes de se aproximarem de Lacan e adotarem-no como um psicólogo perdido é levantar a questão errada. O próprio Lacan conduziu uma campanha sarcástica e injuriosa contra os psicanalistas que queriam “psicologizar” a obra de Freud. Em parte, isto se deu por conta das distorções da psicanálise forjadas pelos psicólogos do ego estadunidenses terem sido concebidas para tornar a sua prática clínica como algo mais “científico” e mais próxima da medicina. Lacan argumentou que a tentativa de adaptar o indivíduo à sociedade na psicanálise dominante após a Segunda Guerra Mundial através da identificação do ego do paciente com o do analista era um processo que expressava e reproduzia a tentativa dos analistas emigrantes da Europa Central de se adaptarem às instituições mais medicalizadas e conservadoras que eles encontraram em sua chegada aos Estados Unidos (Jacoby, 1983). Para Lacan, isto foi uma traição ao que era mais subversivo na psicanálise.

Em parte, a hostilidade expressada por Lacan à psicologia deveu-se à sua traição a aqueles que se aliaram à Associação Psicanalítica Internacional (IPA) contra ele, quando acabou sendo excluído da função de analista didata naquela organização em 1963. A tentativa de tornar a leitura que Lacan

fazia de Freud compreensível para os psicanalistas que trabalhavam com o que eram essencialmente pressupostos psicológicos empiricamente verificáveis sobre o desenvolvimento do ego e imagens de um ego funcional saudável levou mesmo alguns dos mais simpatizantes a ele a acabarem adotando formulações que eram aceitáveis para os analistas da IPA em Chicago e Nova Iorque e para a psicologia acadêmica em Paris (Roudinesco, 1990). A importância de localizar a psicanálise institucionalmente fora do “discurso universitário” tornou-se cada vez mais atrelada por Lacan (1991) à independência da psicanálise em relação à psicologia como tal. A questão chave, então, era como defender a psicanálise dos tipos de distorções que um entendimento psicológico do comportamento implicaria em vez de aceitar a curiosidade psicológica sobre a psicanálise de bom grado.

Isto não significa que os lacanianos irão descartar todos e quaisquer fenômenos descritos pelos psicólogos. A própria construção teórica de Lacan (1949/1977a) sobre o “estádio do espelho” baseia-se no trabalho de psicanalistas infantis estadunidenses (as descrições de Bühler do “transitivismo” como uma identificação mimética comportamental intensa entre crianças), de etólogos animais (descrições da importância de imagens de outros membros da espécie para o comportamento social e a maturação sexual em gafanhotos e pombos) e dos psicólogos da Gestalt (a descrição de Köhler do reconhecimento jubiloso de macacos durante as suas percepções das situações e relações entre as coisas).

As descrições feitas pela psicóloga da Gestalt Zeigarnik dos efeitos de tarefas inacabadas sobre atividades posteriores são também apresentadas pelos lacanianos, por exemplo, como uma justificativa para terminar as sessões analíticas mais cedo; o paciente terá então mais chances de ponderar sobre o material e retomar os trabalhos na sessão seguinte (Burgoyne, 1997). Lacan e os psicanalistas lacanianos podem muito bem recorrer ao trabalho de psicólogos para desenvolver e ilustrar a teoria e a prática em seu próprio domínio distinto de trabalho. No que diz respeito ao efeito Zeigarnik, introduzido pelo psicólogo e psicanalista Daniel Lagache para explicar o fenômeno da transferência, por exemplo, Lacan foi muito cauteloso. Depois de ter condenado Lagache com um leve elogio por ter introduzido “uma ideia destinada a agradar num momento que a psicanálise parecia ter falta de álibis” (Lacan 1952/1982, p. 62), deixou claro que o efeito Zeigarnik depende da transferência no lugar de explicá-la.

Torna-se agora possível avançar para uma formulação do relacionamento de Lacan com a psicologia que caracteriza sua obra pela via do matema. O *objet petit a* (representado como “a”) e o sujeito barrado (representado como “\$”) são matemas e podem ser combinados para representar conceitos psicanalíticos como a fantasia (em que “\$ \diamond a” serve como o matema para capturar a relação do sujeito barrado com o objeto). Poderia se dizer que a psicanálise lacaniana opera em relação a alguns psicólogos críticos que procuram agora novos marcos teóricos como um *objet petit a*, e para eles pode ser um objeto causa de desejo que é mantido à distância pela psicologia e é, por essa mesma razão talvez, ainda mais fascinante.

O problema para a psicologia é que a psicanálise lacaniana não produz o tipo de compreensão

que muitos dos psicólogos que a descobriram desejam. O próprio Lacan é talvez mais bem caracterizado, como alguém que opera como uma antítese da psicologia bem como sendo excluído do establishment psicanalítico dominante, pelo matema de um "psicólogo barrado" (). Lacan é um psicólogo barrado não só porque foi barrado da disciplina até então, mas também porque seu trabalho é deliberadamente colocado contra as regras do jogo que os psicólogos seguem na sua versão da investigação científica. Ele também apresenta elaborações teóricas que parecem designadas para proibir a compreensão por parte dos psicólogos. Por vezes suas noções são filtradas de modo a fazerem parecer que elas podem ser compreendidas psicologicamente, mas conforme nós olhamos mais de perto para os seus escritos, nos encontramos barrados de entrar neles se mantivermos a nossa identidade como psicólogos.

Considerações Finais

As apostas podem ser sintetizadas dialeticamente, de uma forma adequadamente paradoxal, como se segue. Se Lacan for tratado como um "psicólogo" e sua obra for vista como passível de ser redescrita como uma forma de psicologia, então os psicólogos não terão ganho nada ao se envolverem com ele. A ilusão da compreensão como uma forma de "falsa conexão" que não só adapta Lacan a uma disciplina que ele desprezou, mas também continua a adaptação dos indivíduos à ordem social existente, uma iniciativa que ele condenou quando foi tentada pelos psicólogos do ego, pouco melhores que "ortopedistas" (Lacan, 1973/1979, p. 23). Ele reiterou repetidamente que a experiência psicanalítica é "irredutível à qualquer psicologia considerada como uma objetivação de certas propriedades do indivíduo" (Lacan, 1952/1982, p. 62).

Foi só através de um trabalho teórico conceitualmente por inteiro independente dos pressupostos que os psicólogos tomam sobre o sujeito humano que os lacanianos conseguiram acumular um corpus de material que pode agora funcionar como um polo alternativo de atração para os psicólogos desencantados com o que sua própria disciplina tem a oferecer. Agora, enquanto os analistas da IPA podem buscar na disciplina da psicologia uma confirmação de sua imagem do indivíduo e buscar uma validação de certas formas de tratamento, os psicanalistas lacanianos precisam enfatizar que Lacan fornece algo completamente diferente, algo que não é, e que não deve ser tentado a vir a ser, psicologia.

As consequências dessa noção da obra de Lacan em relação à psicologia são muito abrangentes. Para além das questões acadêmicas, que exige uma leitura apurada de sua obra e seus desdobramentos, existem implicações para a prática clínica e a medida em que psicólogos clínicos e psicanalistas lacanianos possam ser tentados a distorcer a sua obra para se enquadrarem numa imagem errada do sujeito humano, visto que essa é a imagem que é sancionada pela psicologia dos dias de hoje (Fink, 1997). A psicanálise lacaniana é necessariamente também uma crítica dos saberes recebidos sobre o eu e a esse respeito é também uma importante contribuição para as perspectivas "críticas" em psicologia (Fox & Prilleltensky, 1997; Parker, 2000). Se Lacan é lido como um psicólogo

barrado (), alguém que implacavelmente perturba o que os psicólogos pensam que sabem, então sua obra pode provocar uma reinterpretação que constrói um espaço para se trabalhar dentro da psicologia que gira em torno das questões que ele se perguntou sobre a natureza do sujeito humano em vez de respostas que geralmente funcionam para foracluir investigações futuras.

Agradecimentos: Agradeço à Erica Burman pela sua sugestão de que Lacan como um "psicólogo barrado" seria um mote emblemático para este artigo e por seus comentários sobre uma versão anterior do manuscrito, e à Vicent Dachy, Karen Ror Malone, Lindsay Watson e Richard Webb por seus comentários.

Tradução: Gabriel Aquino Nascimento Gabeira e Fernanda Oliveira Queiroz de Paula.

Notas:

1. Publicação original disponível em: *Theory & Psychology*, 13(1), 95-115.
2. Apelamos para os neologismos em "misrecognition" para ficar mais próximo de "méconnaissance" (fr) no português. Seguimos o mesmo caminho de chamar de desreconhecimento:
<http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498238824>
3. Para os tradutores, "*Social constructionism*" parece a mesma coisa que socioconstrutivismo, que é muito mais frequente, mas aparentemente segundo algumas páginas na internet (*Wikipedia* e artigos acadêmicos do *Google Scholar*), alguns autores usam como sinônimos perfeitos e outros não. Mantivemos a esquisitice de "construcionismo social".

Referências Bibliográficas

- Billig, M. (1976). *Social psychology and intergroup relations*. London: Academic Press.
- Burgoyne, B. (1997). Interpretation. In B. Burgoyne & M. Sullivan (Eds.), *The Klein-Lacan dialogues* (pp. 45-58). London: Rebus Press.
- Burman, E. (1994). *Deconstructing developmental psychology*. London: Routledge
- Burr, V. (1995). *An introduction to social constructionism*. London: Routledge.
- Cushman, P. (1991). Ideology obscured: Political uses of the self in Daniel Stern's infant. *American Psychologist*, 46(3), 206-219.
- Dreyfus, H. L. (1967). Why computers must have bodies in order to be intelligent. *Review of Metaphysics*, 21, 13-32.
- Fink, B. (1995). *The Lacanian subject: Between language and jouissance*. Princeton: Princeton University Press.
- Fink, B. (1997). *A clinical introduction to Lacanian psychoanalysis: Theory and technique*. Cambridge: Harvard University Press.

- Fodor, J. (1983). *The modularity of mind*. Cambridge: MIT Press.
- Fox, D., & Prilleltensky, I. (1997). *Critical psychology: An introduction*. London: Sage.
- Frosh, S. (1989). *Psychoanalysis and psychology: Minding the gap*. London: Macmillan.
- Frosh, S. (1997). *For and against psychoanalysis*. London: Routledge.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275.
- Gergen, K. J. (1991). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- Greenberg, J., & Mitchell, S. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Cambridge: Harvard University Press.
- Harré, R., & Secord, P. F. (1972). *The explanation of social behaviour*. Oxford: Blackwell.
- Hartmann, H. (1958). *Ego psychology and the problem of adaptation*. New York: International Universities Press. (Original work published 1939).
- Heidegger, M. (1962). *Being and time* (J. Macquarrie & E. Robinson, Trans.). Oxford: Blackwell. (Original work published 1928).
- Henriques, J., Hollway, W., Urwin, C., Venn, C., & Walkerdine, V. (1984). *Changing the subject: Psychology, social regulation and subjectivity*. London: Methuen.
- Ingleby, D. (1985). Professionals and socializers: The "psy-complex". *Research in Law, Deviance and Control*, 7, 79-109.
- Jacoby, R. (1983). *The repression of psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- Lacan, J. (1972). Seminar on "The purloined letter" (J. Mehlman, Trans.). *Yale French Studies*, 48, 38-72. (Original work published 1956).
- Lacan, J. (1977a). The mirror stage as formative of the function the I. In *Écrits: A selection* (A. Sheridan, Trans., pp. 1-7). London: Tavistock. (Original work published 1949).
- Lacan, J. (1977b). The function and field of speech and language in psychoanalysis. In *Écrits: A selection* (A. Sheridan, Trans., pp. 30-113). London: Tavistock. (original work published 1956).
- Lacan, J. (1977c). The Freudian thing. In *Écrits: A selection* (A. Sheridan, Trans.; pp. 114-145). London: Tavistock. (Original work published 1956.)
- Lacan, J. (1977d). The agency of the letter in the unconscious or reason since Freud. In *Écrits: A selection* (A. Sheridan, Trans.; pp. 146-178). London: Tavistock. (Original work published 1957).
- Lacan, J. (1979). *The four fundamental concepts of psycho-analysis* (A. Sheridan, Trans.). Harmondsworth: Penguin. (Original work published 1973).
- Lacan, J. (1982). Intervention on transference (J. Rose, Trans.). In J. Mitchell & J. Rose (Eds.), *Feminine sexuality: Jacques Lacan and the école freudienne* (pp. 61-73). London: Macmillan. (Original work published 1952).
- Lacan, J. (1988). *The seminar of Jacques Lacan: Book I. Freud's papers on technique 1953-1954* (J. Forrester, Trans.). New York: Norton. (Original work published 1975).

- Lacan, J. (1991). *The other side of psychoanalysis*. The seminar of Jacques Lacan, Book XVII, 1969-1970 (R. Grigg, Trans.). Unpublished manuscript.
- Lacan, J. (1992). *The ethics of psychoanalysis 1959-1960*. The seminar of Jacques Lacan, book VII (D. Porter, Trans.). London: Routledge. (Original work published 1986).
- Lacan, J. (1993). *The psychoses*. The seminar of Jacques Lacan: Book III, 1955-1956 (R. Griggs, Trans.). London: Routledge. (Original work published 1981).
- Lacan, J. (1995). Position of the unconscious: Remarks made at the 1960 Bonneval colloquium rewritten in 1964 (B. Fink, Trans.). In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Eds.), *Reading Seminar XI: Lacan's four fundamental concepts of psychoanalysis* (pp. 259-282). New York: State University of New York Press. (Original work published 1966).
- Lacan, J. (1997). *Encore*: The seminar of Jacques Lacan: Book XX, 1972-1973 (B. Fink, Trans.). New York: Norton. (Original work published 1975).
- Lave, J. (1988). *Cognition in practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lindsay, P., & Norman, D. (1972). *Human information processing: An introduction to psychology*. New York: SUNY Press.
- Malone, K., & S. Friedlander, S. (2000). *The subject of Lacan: A Lacanian reader for psychologists*. New York: SUNY Press.
- Middleton, D., & Edwards, D. (1990). *Collective remembering*. London: Sage.
- Miller, L., Rustin, M., & Shuttleworth, J. (1989). *Closely observed infants*. London: Duckworth.
- Mitchell, P. (1992). *The psychology of the child*. London: Falmer.
- Muller, J. (1996). *Beyond the psychoanalytic dyad: Developmental semiotics in Freud, Peirce and Lacan*. New York: Routledge.
- Packer, M. J. (1985). Hermeneutic inquiry in the study of human conduct. *American Psychologist*, 40(10), 1081-1093.
- Parker, I. (1989). *The crisis in modern social psychology, and how to end it*. London: Routledge.
- Parker, I. (1992). *Discourse dynamics: Critical analysis for social and individual psychology*. London: Routledge.
- Parker, I. (1995). Everyday behavior(ism) and therapeutic discourse: Deconstructing the ego as verbal nucleus in Skinner and Lacan. In J. Siegfried (Ed.), *Therapeutic and everyday discourse as behavior change: Towards a micro-analysis in psycho-therapy process research* (pp. 447-467). New York: Ablex.
- Parker, I. (1997a). *Psychoanalytic culture: Psychoanalytic discourse in Western society*. London: Sage.
- Parker, I. (1997b). Discourse analysis and psycho-analysis. *British Journal of Social Psychology*, 36, 479-495.
- Parker, I. (1999). Critical reflexive humanism and critical constructionist psychology. In D.J. Nightingale & J. Cromby (Eds.), *Social constructionist psychology: A critical analysis of theory and practice* (pp. 23-36). Buckingham: Open University Press.

- Parker, I. (2000). Looking for Lacan: Virtual psychology. In K. Malone & S. Friedlander (Eds.), *The subject of Lacan: A Lacanian reader for psychologists* (pp. 331-344). New York: SUNY Press.
- Parker, I. (2001). Lacan, psychology and the discourse of the university. *Psychoanalytic Studies*, 3(1), pp. 67-77.
- Parker, I. (2002). *Critical discursive psychology*. London: Palgrave.
- Plon, M. (1974). On the notion of conflict and its study in social psychology. *European Journal of Social Psychology*, 4(4), 389-436.
- Poe, E. A. (1938). The purloined letter. In *The complete tales and poems of Edgar Allen Poe*. New York: Random House. (Original work published 1844).
- Potter, J. (1996). *Representing reality*. London: Sage.
- Reason, P., & Rowan, J. (Eds.). (1981). *Human inquiry: A sourcebook of new paradigm research*. Clichester: Wiley.
- Richardson, W. J. (1980). Piaget, Lacan and language. In H. J. Silverman (Ed.), *Piaget, philosophy and the human sciences* (pp. 144-170). Brighton: Harvester.
- Rose, N. (1985). *The psychological complex: Psychology, politics and society in England 1869-1939*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Roudinesco, E. (1990). *Jacques Lacan and Co.: A history of psychoanalysis in France, 1925-1985*. London: Free Association Books.
- Shannon, C., & Weaver, W. (1949). *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press.
- Silverman, H. J. (Ed.) (1980). *Piaget, philosophy and the human sciences*. Brighton: Harvester.
- Soler, C. (1995). The body in the teaching of Jacques Lacan. *Journal of the Centre for Freudian Analysis and Research*, 6, 6-38.
- Stern, D. N. (1985). *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology*. New York: Basic Books.
- Trower, P., Bryant, P., & Argyle, M. (1978). *Social skills and mental health*. London: Methuen.
- Walkerdine, V. (1982). From context to text: A psychosemiotic approach to abstract thought. In M. Beveridge (Ed.), *Children thinking through language* (pp. 129-155). London: Edward Arnold.
- Winograd, T., & Flores, F. (1987). *Understanding computers and cognition: A new foundation for design*. Reading: Addison-Wesley.

Citação/Citation: Parker, I. (mai. 2023 a out. 2023). Jacques Lacan, psicólogo barrado (G. A. N. Gabeira & F. O. Q. De Paula, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 08-29. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n36p08-29.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 17/07/2023 / 07/17/2023.

Aceito/ Accepted: 17/09/2023 / 09/17/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.